

Entrevistas de *Clio*: Teresinha Queiroz e seu olhar sobre o pensamento histórico contemporâneo

Clio interviews: Teresinha Queiroz and her perspective on contemporary historical thought

Pedro Pio Fontineles Filho

Doutor em História e professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí.

Resumo: O presente artigo analisa a trajetória intelectual e a concepção historiográfica de Teresinha Queiroz, destacando suas contribuições para a renovação dos estudos históricos no Piauí e para os debates contemporâneos sobre verdade, identidade, cultura, juventude, poder, gênero e temporalidade. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se principalmente na análise das entrevistas “Afinal: quem somos nós?”, publicada pela *Revista Revestrés* (2012), e “Pesquisa em Foco – História”, publicada na revista *Outros Tempos* (2020), complementadas por estudos sobre sua atuação acadêmica e por referenciais da teoria historiográfica contemporânea. Argumenta-se que Teresinha Queiroz representa uma das principais vozes da renovação historiográfica, articulando reflexões sobre identidade cultural, memória, produção do conhecimento histórico e transformações da sociedade contemporânea. Sua obra e seu pensamento demonstram a capacidade da historiografia regional de dialogar com questões centrais da história cultural e da história social, da historiografia nacional e internacional.

Palavras-chave: História; Historiografia; Teresinha Queiroz; Temporalidades; Sociedade.

Abstract: This article analyzes the intellectual trajectory and historiographical approach of Teresinha Queiroz, highlighting her contributions to the renewal of historical studies in Piauí and to contemporary debates on truth, identity, culture, youth, power, gender, and temporality. Methodologically, the study is primarily grounded in the analysis of the interviews “Afinal: quem somos nós?”, published in Magazine *Revestrés* (2012) and “Pesquisa em Foco – História”, published in the journal *Outros Tempos* (2020), complemented by studies of her academic work and frameworks from contemporary historiographical theory. It is argued that Teresinha Queiroz represents a leading voice in historiographical renewal, articulating reflections on cultural identity, memory, the production of historical knowledge, and transformations in contemporary society. Her work and thought demonstrate the capacity of regional historiography to engage with central issues in cultural and social history, as well as in national and international historiography.

Keywords: History; Historiography; Teresinha Queiroz; Temporalities; Society.

Introdução

Desde os 15 anos eu sentia um vácuo muito grande de saber, eu queria, queria, queria e não achava (QUEIROZ, 2012).

[...] é a disposição do entrevistado de falar e de se abrir em alguma medida que permite que os historiadores façam seu trabalho. E a abertura dos historiadores sobre eles mesmos e sobre o propósito de seu trabalho é um fator crucial na criação desse espaço (PORTELLI, 2016: 15).

Foi movida por esse intenso desejo pelo saber, que Teresinha Queiroz foi-se constituindo como estudiosa e pesquisadora, sobretudo no campo da História. Sua trajetória intelectual e profissional representa, em larga medida, os resultados dessa avidez pelo saber e pelo conhecimento. Em seus estudos, tem se dedicado, de forma sistemática, a fazer análises e balanços da produção historiográfica, em suas conexões entre o local, o regional, o nacional e o internacional, de modo especial sobre a historiografia ocidental.

Por meio de suas pesquisas, muitas delas resultantes em livros, capítulos de livros e em artigos científicos, é possível notar as transformações que marcaram a historiografia ocidental, a partir da segunda metade do século XX, alteraram profundamente os modos de compreender o passado. A ascensão da História Cultural, a valorização dos sujeitos ordinários, a crítica às narrativas totalizantes e a problematização das identidades constituíram alguns dos principais movimentos que redefiniram a disciplina histórica.

Nesse contexto, historiadores passaram a deslocar o olhar das grandes estruturas políticas e econômicas para fenômenos relacionados às representações, às práticas culturais, às experiências cotidianas e às múltiplas formas de construção da memória social. O resultado foi a ampliação dos objetos de investigação e a incorporação de novos referenciais teóricos provenientes da Sociologia, da Antropologia, da Linguística e da Filosofia. No Brasil, tais transformações repercutiram de maneira desigual nas diferentes regiões do país. Em estados tradicionalmente afastados dos principais centros de produção acadêmica, como o Piauí, a consolidação desses novos paradigmas esteve associada à atuação de intelectuais responsáveis pela institucionalização da pesquisa histórica. Entre eles, destaca-se Teresinha Queiroz. Professora, pesquisadora, escritora e formadora de historiadores, Teresinha Queiroz participou ativamente da construção do campo historiográfico piauiense contemporâneo. Sua trajetória está vinculada tanto ao desenvolvimento institucional da Universidade Federal do Piauí quanto à renovação dos objetos e métodos da pesquisa histórica regional. Mais do que uma especialista em história local, sua produção intelectual apresenta reflexões que dialogam diretamente com questões centrais da historiografia contemporânea: identidade, memória, poder, cultura, subjetividade, temporalidade e verdade.

O objetivo deste artigo é, portanto, analisar o pensamento historiográfico de Teresinha Queiroz, a partir de suas entrevistas aqui selecionadas e de sua trajetória intelectual, buscando compreender como suas reflexões se inserem nos debates contemporâneos sobre a produção do conhecimento histórico. E mais: socializar as entrevistas como importantes fontes para o vislumbre do caráter amplo do conhecimento produzido pela historiadora.

Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e documental. As principais fontes analisadas são duas entrevistas con-

cedidas por Teresinha Queiroz: *Afinal: quem somos nós?*¹, publicada pela *Revista Revestrés*, em 2012; e *Pesquisa em Foco – História*, publicada na revista *Outros Tempos*, em 2020. É fundamental destacar que são duas revistas com propósitos diferenciados. A *Revestrés* é caracterizada como uma publicação ligada ao jornalismo cultural e ao comportamento. Foi lançada em 2011 e tem como proposta editorial temáticas que abrangem as artes visuais, literatura, música, cinema, comportamento, filosofia e questões sociais, com um olhar crítico e voltado para a valorização da cultura local e regional. E, por seguir tal foco, apresenta uma linguagem com tom irreverente, com crônicas, entrevistas e reportagens destaques. A entrevista publicada na *Revestrés* foi conduzida por Samária Andrade e André Gonçalves e gravitou em torno do questionamento que intitula a entrevista, trazendo três fotografias da entrevistada, feitas em sua casa, pelo fotógrafo Maurício Pokemon, que acompanhou a realização da entrevista. A Revista *Outros Tempos* destaca em sua página que “é uma publicação semestral do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Criada em 2004, conta com o financiamento da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UEMA e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA”. A entrevista foi realizada pela também historiadora e professora do Curso de Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em História – PPGHB, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Elizângela Barbosa Cardoso e toma como mote de debate acerca da juventude e das políticas do corpo, nas décadas de 1960 e 1970.

As entrevistas são aqui tratadas como documentos históricos capazes de revelar concepções teóricas, posicionamentos epistemológicos e interpretações acerca da história e da sociedade contemporâneas. Conforme argumenta Alessandro Portelli (2016), entrevistas não constituem apenas registros de fatos, mas produções discursivas que expressam visões de mundo, memórias e interpretações. É sobre as visões e interpretações do mundo (o campo da história) de Teresinha Queiroz, que o presente estudo se destina. Além das entrevistas, foram consultadas obras de autores que dialogam, direta e indiretamente, com os temas abordados pela historiadora, como Michel Foucault (2019), Roger Chartier (2002), Stuart Hall (2006), François Hartog (2013), Jean-François Lyotard (2009), Michel de Certeau (2014) e Edward Thompson (1987). Olhando para tais autores, a presente análise adota uma perspectiva analítico-interpretativa, buscando identificar convergências entre as reflexões de Teresinha Queiroz e os principais debates historiográficos contemporâneos, sem a pretensão de esgotá-los.

O título deste estudo, *Entrevistas de Clio*, ao ser associado à produção historiográfica de Teresinha Queiroz, mobiliza uma metáfora rica de significados ao evocar Clio, a musa da História na tradição greco-romana. Nesse sentido, “Clio” não é apenas uma referência simbólica à disciplina histórica, mas também à ideia de que a História é construída a partir de narrativas, memórias e vozes que precisam ser interrogadas e interpretadas. Ao articular “entrevistas” a essa figura clássica, o título sugere um movimento de aproximação entre o passado e o presente por meio da escuta de sujeitos históricos, valorizando a oralidade e a experiência vivida como fontes legítimas de conhecimento histórico. No caso de Teresinha Queiroz, essa metáfora ganha densidade historiográfica ao indicar uma prática de pesquisa que reconhece o

1. Optamos por utilizar a versão digital da revista, por considerar que é de mais fácil acesso para a maioria dos estudiosos e interessados sobre a vida e obra de Teresinha Queiroz, o que contribui para a democratização e circulação de informações. A entrevista está disponível no site da revista, especificamente no seguinte link: <https://revistarevestres.com.br/entrevista/afinal-quem-somos-nos/>

papel ativo dos indivíduos na construção da história, deslocando o foco das grandes narrativas estruturais para as vozes plurais que compõem o tecido social. Assim, *Entrevistas de Clio* pode ser compreendido como uma síntese simbólica de Teresinha Queiroz com sendo, ela mesma, uma musa da História, que tem contribuído para que inúmeros outros historiadores sigam seus passos.

Percursos de Clio: trajetória intelectual e a historiografia piauiense

Ao falar da trajetória intelectual de Teresinha Queiroz, surge em mente a concepção de intelectual proposta por Roger Chartier, para quem “Os intelectuais não são apenas produtores de ideias, mas agentes situados em um campo de forças sociais e culturais.” (CHARTIER, 2002: 17). A afirmação de Roger Chartier desloca a compreensão tradicional dos intelectuais como sujeitos neutros ou autônomos na produção de ideias, inserindo-os em um quadro mais amplo de relações sociais, culturais e institucionais. Ao definir os intelectuais dessa forma, o autor enfatiza que a produção do conhecimento não ocorre em um espaço isolado, mas é continuamente atravessada por disputas de poder, pertencimentos sociais e condições históricas específicas.

Do ponto de vista historiográfico, essa perspectiva se aproxima das abordagens da história cultural e da história social do conhecimento, ao recusar explicações que tratam as ideias como produtos exclusivamente individuais ou abstratos. Em vez disso, Chartier evidencia que toda produção intelectual é condicionada por contextos de circulação, leitura e recepção, nos quais diferentes grupos disputam sentidos e legitimidades. Assim, sua reflexão contribui para uma compreensão mais complexa da intelectualidade, entendendo-a como prática social situada. Isso implica reconhecer que os intelectuais não apenas interpretam o mundo, mas também são interpretados por ele, estando inseridos em estruturas que influenciam tanto os limites quanto as possibilidades de sua atuação.

Por esse prisma, nas duas entrevistas analisadas, há informações sobre a trajetória intelectual e profissional de Teresinha Queiroz, o que possibilita algumas interpretações acerca das interpretações que ela realiza sobre a História e o fazer historiográfico. Por ter uma linguagem e um formato diferente, bem como por não se caracterizar como um periódico em moldes convencionais-acadêmicos, a *Revestrés* apresenta a biografia da entrevistada partindo da pergunta que motivou a realização da Entrevista. A revisora e editora do texto da entrevista, Samária Andrade, assim escreveu:

Temos uma identidade? E mais: precisamos tê-la? A pergunta não saía de nossa cabeça quando deixamos a casa de Teresinha Queiroz, historiadora com mais de 30 anos dedicados ao magistério. Intelectual tão aplicada que quando se aposentou da Universidade Federal do Piauí (UFPI) teve uma ideia: fez concurso e pronto – voltou a ser professora da mesma instituição.

Sem espetáculos, sem escândalos, bem humorada. Discreta em tudo, até no sorriso que acompanha algumas de suas falas, como uma senha para que entendamos: aquilo era uma ironia. É capaz de fazer análises profundas com rapidez – coisa de quem estudou muito. Mas também de sinceramente admitir “eu não sei” ou “eu ainda não pensei sobre isso” – coisa de quem estudou muito mesmo. Ao ouvi-la falando com

desenvoltura, pensamos: o show de Teresinha acontece é na sala de aula. Ou nas muitas palestras e poucas entrevistas que dá.

Nascida em Esperantina, a segunda de dez irmãos, Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz veio para Teresina aos 15 anos. Tinha a missão de passar no vestibular *de primeira*, ou voltaria para o interior e cederia a vez para outro irmão. Fez História por medo de não passar em outro curso. Mas se descobriu. Mais tarde fez mestrado em Curitiba e doutorado em São Paulo, na USP – tudo na área de História.

Na Teresina da década de 70 virou freqüentadora do Arquivo Público, onde, conta, leu e releu Shakespeare, Machado de Assis, Jorge Amado, Érico Veríssimo. Hoje tem sete livros de sua autoria publicados, além de ter organizado outras 18 obras. A produção lhe credenciou a fazer parte da Academia Piauiense de Letras, embora não tenha escrito nenhuma ficção (ANDRADE, 2012).

Na revista *Outros Tempos*, a entrevistada é apresentada por meio de uma súmula curricular em moldes mais próximos do que é praticado nos espaços acadêmico-científicos, com linguagem típica de periódicos ligados a Instituições de Ensino Superior, como a indicação do e-mail da entrevistada. Elizangela Cardoso assim sumariza a biografia da historiadora entrevistada:

Teresinha Queiroz é licenciada em História pela Universidade Federal do Piauí (1977) e bacharela em Ciências Econômicas pela mesma IES (1983). Fez mestrado em História do Brasil (1984), na Universidade Federal do Paraná, e doutorado em História Social na Universidade de São Paulo (1992). É autora dos seguintes livros: *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*; *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920*; *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo; *História, Literatura e Sociabilidades*; *Do Singular ao Plural*; *Família e economia: um estudo dos inventários e testamentos paulistas dos meados do século XVII*; *Diversões civilizadas em Teresina, 1880-1930*; *Educação no Piauí: 1880-1930*. Pesquisa e orienta os temas juventude e cultura contemporânea, dentre outros. (CARDOSO, 2020: 373).

Na referida súmula, nota-se o pertinente destaque dado à produção intelectual de Teresinha Queiroz, que ocupa um lugar central na historiografia piauiense por sua capacidade de articular diferentes dimensões da experiência histórica — economia, cultura, educação e sociabilidade — em análises que ampliam significativamente a compreensão do passado local, regional e nacional. Certamente, tratam-se de publicações que ajudaram inúmeros outros historiadores em suas pesquisas e escritas, formando o repertório de gerações de novos historiadores. Vale mencionar que, em obras como *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo* e *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí (1900-1920)*, a historiadora contribui para a renovação dos estudos econômicos ao demonstrar a diversidade das atividades produtivas no Piauí, superando visões simplificadoras que restringiam a economia local à pecuária.

Em *Os literatos e a República* e *História, Literatura e Sociabilidades*, que talvez seja o seu livro de maior repercussão entre os historiadores e pesquisadores, Queiroz evidencia a relação entre cultura letrada, política e construção de sensibilidades históricas, destacando o papel dos intelectuais na formação do pensamento social piauiense. Nessa mesma linha, *Diversões civilizadas em Teresina (1880-1930)* e *Educação no Piauí (1880-1930)* aprofundam a análise das

práticas culturais e dos processos educacionais, revelando como espaços de lazer e instituições escolares participaram da modernização social e da configuração de novos hábitos urbanos.

Obras de caráter mais metodológico e abrangente, como *Do singular ao plural*, reforçam sua preocupação com a pluralidade de perspectivas na pesquisa histórica e a própria constituição da historiografia piauiense, enquanto *Família e economia* amplia o diálogo com outras tradições historiográficas ao investigar estruturas familiares e patrimoniais em uma perspectiva comparada.

Em conjunto, esses trabalhos consolidam Teresinha Queiroz como uma das principais referências da historiografia do Piauí, ao combinar rigor analítico, diversidade temática e sensibilidade interpretativa, bem como valorização das fontes documentais e habilidoso diálogo teórico-historiográfico. Sua obra contribui não apenas para a reconstituição de aspectos do passado regional, mas também para a consolidação de uma historiografia mais complexa, interdisciplinar e atenta às múltiplas formas de organização social e cultural.

Da data das duas entrevistas até o momento da elaboração do presente estudo, é prudente afirmar que houve acréscimos na produção intelectual da entrevistada, sobretudo no que se refere às obras organizadas em forma de coletânea e às orientações de temas de pesquisa. Além disso, após os anos em que as entrevistas foram realizadas, a historiadora tomou posse como Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí – IHGPI, em 2024; e como acadêmica da Academia Piauiense de Cultura – APC, em 2026. Sua posse nessas instituições denotam o reconhecimento de sua atuação e contribuição para a intelectualidade piauiense.

A trajetória de Teresinha Queiroz está intimamente relacionada ao processo de profissionalização da História no Piauí. Sua formação ocorreu em um período marcado pela expansão do ensino superior brasileiro e pela crescente valorização da pesquisa científica nas ciências humanas. Desde cedo, a historiadora demonstrou interesse pelas humanidades, pela literatura e pela investigação documental, pois sua “jornada na obtenção de fontes para formular sua pesquisa foi longa, percorrendo bibliotecas pelo Brasil em busca de arquivos que auxiliassem na produção da narrativa que se propôs realizar” (OLIVEIRA, 2024). Sua experiência em arquivos públicos contribuiu significativamente para a construção de uma sensibilidade histórica voltada para a pesquisa empírica e para a crítica das fontes.

Ao longo de sua carreira, participou da consolidação dos cursos de História da Universidade Federal do Piauí, atuando tanto na formação de novos pesquisadores quanto na ampliação dos espaços de produção historiográfica no estado. É uma das principais referências no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB/UFPI, onde orienta pesquisas de Mestrado e de Doutorado, que transitam, especialmente, no recorte temporal dos séculos XIX e XX.

Sua trajetória revela uma característica fundamental: a recusa em limitar a pesquisa histórica ao âmbito regional. Embora tenha produzido e orientado importantes estudos sobre o Piauí, suas reflexões sempre dialogaram com problemas mais amplos da teoria social e da historiografia contemporânea. Essa capacidade de articular o local e o global constitui uma das marcas centrais de sua obra.

A historiografia produzida no Piauí durante grande parte do século XX foi fortemente marcada pela influência do positivismo, pela narrativa política tradicional e pela valorização de personagens considerados exemplares. Predominavam estudos voltados para a constru-

ção de uma memória oficial do estado, frequentemente centrados em governantes, militares e grandes proprietários.

A partir das décadas de 1980 e 1990, contudo, observa-se uma significativa renovação dos estudos históricos. Novos temas passaram a ser incorporados às pesquisas: cultura, educação, mulheres, cotidiano, trabalho, memória e representações sociais. A partir das décadas de 1980 e 1990, contudo, observa-se uma significativa renovação dos estudos históricos. Novos temas passaram a ser incorporados às pesquisas, como cultura, educação, mulheres, cotidiano, trabalho, memória e representações sociais. Essa ampliação dos objetos de investigação decorreu das transformações epistemológicas promovidas pela chamada Nova História e pela História Cultural, que deslocaram o interesse da historiografia das grandes estruturas políticas e econômicas para a análise das experiências vividas, das práticas culturais, das subjetividades e das múltiplas formas de produção de sentido na vida social. Nesse panorama, categorias como gênero, identidade, memória, imaginário e representação adquiriram centralidade, permitindo que grupos historicamente invisibilizados — mulheres, trabalhadores, populações negras, indígenas e outros sujeitos sociais — passassem a ocupar lugar de destaque nas narrativas históricas. A valorização de novas fontes, como relatos orais, correspondências, fotografias, periódicos, diários, literatura e iconografia, ampliou igualmente as possibilidades interpretativas do historiador, favorecendo abordagens interdisciplinares em diálogo com a Antropologia, a Sociologia, a Linguística e os Estudos Culturais. Essa renovação metodológica e temática representou uma inflexão importante na historiografia brasileira, especialmente após a redemocratização, quando se intensificaram as pesquisas voltadas para a história das sensibilidades, das relações de gênero, da educação, da memória e da cultura política. É nesse ambiente intelectual que se insere a produção historiográfica de Teresinha Queiroz, cujas pesquisas refletem esse movimento de diversificação dos objetos históricos e de valorização das experiências cotidianas, das práticas culturais e das relações de gênero como dimensões fundamentais para a compreensão da sociedade piauiense e brasileira.

Nesse processo, Teresinha Queiroz desempenhou papel fundamental. Sua atuação acadêmica contribuiu para a consolidação de abordagens mais críticas e problematizadoras, alinhadas às transformações que ocorriam na historiografia nacional e internacional. A historiadora ajudou a romper com visões essencialistas sobre a sociedade piauiense, demonstrando que identidades regionais são construções históricas sujeitas a mudanças e disputas, com atravessamentos plurais no tocante às espacialidades e temporalidades.

História plural: identidade, cultura, poder e subjetividade

Uma das contribuições mais significativas do pensamento de Teresinha Queiroz refere-se à discussão sobre identidade. Ao questionar “quem somos nós?”, a autora desafia concepções que procuram definir uma essência permanente da identidade piauiense. Sua análise aproxima-se das formulações de Stuart Hall (2006), segundo as quais as identidades são processos históricos em constante transformação. Questionada sobre a possibilidade de definir o piauiense em termos identitários, a historiadora pondera:

Não sei, mas percebo um esforço grande de que haja uma doação de uma identidade para o Piauiense. Essa é uma discussão que eu acho muito antipática. É como se a

gente não tivesse condição de construir em moto próprio, o nosso ser, a nossa identidade. O próprio movimento de valorização da Batalha do Jenipapo é uma busca de dar uma identidade ao povo piauiense. Alguns governadores retomam isso muito festivamente. Parece que a gente é uma coisa oca e o Governo precisa instituir uma identidade pra colocar em nosso interior. É como se fosse injetado na gente uma piauiensidade. Não sei qual seria a nossa identidade, até porque não sei se há uma diferença só porque temos uma fronteira geográfica com o Maranhão ou o Ceará (QUEIROZ, 2012).

As identidades coletivas não existem como realidades naturais ou imutáveis. Elas são produzidas por narrativas, memórias compartilhadas, práticas culturais e relações de poder. Nesse sentido, a autora evidencia que o sentimento de pertencimento regional resulta de processos históricos específicos e não de características fixas ou universais. E sobre tal, a historiadora chama atenção para a necessidade de um debate mais acurado sobre os usos, inclusive políticos, da identidade. Assim, é fulcral entender que

As pessoas são múltiplas, a sociedade contemporânea é muito híbrida. Acho que há um esforço dos Governos, para ter visibilidade política, em lidar com essa dimensão simbólica da identidade, mas eles tratam como uma inserção política como qualquer outra. Ou seja: cuidar da identidade é como cuidar de estrada. A questão da identidade precisaria ser melhor refletida para gente entender inclusive porque se fala tanto em identidade. Há uma instância que coloca isso, e a gente aceita, alimenta. E se a gente aceita e alimenta é porque bate em alguma coisa na gente (QUEIROZ, 2012).

Sua reflexão também aborda os efeitos da colonialidade cultural na formação das identidades brasileiras. Ao destacar a valorização recorrente de referências externas, Teresinha Queiroz identifica mecanismos simbólicos que continuam estruturando relações de prestígio e reconhecimento.

As entrevistas analisadas revelam uma compreensão sofisticada das relações de poder. Influenciada por debates contemporâneos, Teresinha Queiroz afasta-se das interpretações que associam o poder exclusivamente ao Estado ou às elites econômicas. Sua perspectiva, em boa medida, aproxima-se da concepção foucaultiana (2019) de poder como rede de relações distribuídas pela sociedade. Para ela, em sua entrevista à Revista *Revestrés*, “O poder não é físico, não está na pessoa, mas na legitimação que a gente dá a essa pessoa. A pessoa só se acha se a gente deixar ela se achar. Claro que uma coisa é a teoria, outra é a prática, mas uma pessoa só se institui enquanto poder porque nós a colocamos lá” (QUEIROZ, 2012). Nesse sentido, é adequado dizer que, do ponto de vista historiográfico, a assertiva de Teresinha Queiroz expressa um entendimento contemporâneo do poder como relação social e construção de legitimidade, afastando-se de interpretações clássicas que o associavam exclusivamente ao Estado, à coerção física ou à posse de recursos materiais. Sua formulação desloca o foco do poder como “produto” ou atributo individual para o poder como efeito de interconexões com e no coletivo, isto é, como algo que se constitui na interação entre sujeitos sociais. O poder manifesta-se em instituições, discursos, práticas culturais, símbolos e formas de organização da vida cotidiana. Sobre a dimensão das disputas simbólicas, inclusive com os seus usos políticos, a historiadora relembra o caso da Batalha do Jenipapo, afirmando que

A valorização da Batalha começa nos anos 20, com Clodoaldo Freitas, Hermínio Conde e as influências da literatura revisionista, que coloca o povo como herói da história. Isso faz parte de uma mudança metodológica geral que acontece no campo das humanidades e coloca o saber de ponta cabeça. Os heróis quase invertem para a posição de bandido e os esquecidos da história se tornam protagonistas. Esse movimento vai enfatizar as classes populares em todo o mundo, inclusive no Piauí. Então, nos anos 70, Alberto Silva dá um ressignificado à Batalha quando financia o monumento do Jenipapo e todos os eventos em torno do 13 de março, que é uma data que passa a competir com o 19 de outubro (Dia do Piauí, data que valoriza movimentos pela independência do Brasil em Parnaíba) e 24 de janeiro (data de adesão à Independência do Brasil em Oeiras). Essa é uma das disputas simbólicas mais importantes do Piauí: a prevalência é de Parnaíba? É de Oeiras? Depois Campo Maior começa a querer ter também o seu espaço (QUEIROZ, 2012).

Essa abordagem amplia significativamente as possibilidades da investigação histórica, permitindo compreender processos de resistência e negociação presentes em diferentes níveis da experiência social. Ao reconhecer a multiplicidade dos poderes, a historiadora também amplia a compreensão da ação histórica dos indivíduos.

Ainda sobre a dimensão simbólica, Teresinha Queiroz pondera que sobre a figura do vaqueiro e da própria identidade econômica e política do Piauí, pois, segundo ela,

[...] o vaqueiro tá na moda, com Luiz Gonzaga e outros signos da nacionalidade brasileira. Mas o vaqueiro representa um passado, não um presente. Primeiro porque nem sei se ainda existe vaqueiro, só em coral, procissão e missa. Mas a pecuária é completamente diferente, e hoje, no Piauí, é tão pequena e modernizada. O meu boi morreu mesmo! Agora é gado de raça, embrião, o que existe e sobrevive no mundo competitivo capitalista não é mais aquele boi do passado. A carnaúba também morreu. Se a gente precisar inventar um símbolo agora para o Piauí eu não tenho a menor ideia de que símbolo seria esse (QUEIROZ, 2012).

Ao falar sobre os símbolos, a historiadora não só menciona as suas existências, mas sobre a prática recorrente de invenção dos símbolos. Os símbolos assumem, assim, o papel aglutinador e catalisador de desejos, medos, esperanças, projeções e mentalidades. A construção de símbolos aponta para as dinâmicas sociais, culturais, políticas e sociais, marcadas pelas temporalidades e espacialidades plurais.

As reflexões de Teresinha Queiroz sobre a verdade constituem um dos aspectos mais complexos de sua produção intelectual. A autora argumenta que diferentes sociedades construíram diferentes regimes de verdade. Durante séculos, a religião ocupou posição central na legitimação do conhecimento. Posteriormente, a ciência moderna assumiu esse papel. Na contemporaneidade, entretanto, observa-se uma crescente pluralização das formas de produção da verdade. Para a historiadora,

Esse paradigma da verdade é construído a partir da antiguidade, mas ressignificado na idade média, quando a ideia de verdade se associa ao cristianismo. Nos séculos 16,17, há a verdade cartesiana, da razão, da lógica. Nos séculos 18,19 essa racionalidade é ligada ao iluminismo. Há a verdade do poder, mas também da liberdade, fraternidade, igualdade, uma verdade cidadã. A própria ideia de verdade vem se transformando ao longo da história. Nos anos 60, que são esses anos de revolução dos

comportamentos, a grande crise que se instaura é como lidar com uma verdade que não é mais passível de ser percebida associada a algum sentido. Há um esgotamento da noção de verdade e se instituem verdades. Há a pluralização, da ideia quase religiosa da verdade, e se começa a trabalhar com verdades menores, mais parciais. A verdade saiu da religião, da política, da filosofia, da racionalidade e se ancorou nos discursos. E como fazer a ligação que havia entre verdade e referente? Como lidar com o que é real num mundo desmaterializado? Essas são as questões atuais. E como se tem resolvido isso? Construindo conceitos, que também são discursos, que se modificam ao longo das décadas e ajudam a pensar. Hoje se considera que aquilo que imaginamos em relação à realidade, mesmo que não tenha esteio de existência factual concreta, existe. O que a gente sonha, pensa, sofre, tem existência. O mundo hoje é esse, onde criamos toda uma simbologia que nos ajuda a abandonar o medo da perda da verdade (QUEIROZ, 2012).

Essa constatação não conduz ao relativismo absoluto. Pelo contrário, aponta para a necessidade de compreender o conhecimento histórico como resultado de procedimentos metodológicos rigorosos e de interpretações permanentemente abertas à crítica. O historiador não descobre verdades definitivas; produz interpretações fundamentadas sobre o passado.

As entrevistas também evidenciam uma reflexão consistente sobre a crise das grandes narrativas modernas, visto que a historiadora “viveu e acompanhou a crise e a revolução dos paradigmas, realizando trabalhos consagrados sob diferentes abordagens historiográficas” (ABRÃO; LIRA; FONTINELES FILHO, 2017: 91). Durante grande parte do século XX, ideologias políticas, projetos revolucionários e modelos explicativos abrangentes ofereciam interpretações relativamente coerentes da realidade social. Segundo Teresinha Queiroz, a contemporaneidade caracteriza-se pelo enfraquecimento dessas referências.

A fragmentação das experiências sociais, a multiplicação das identidades e a diversidade dos discursos tornaram insuficientes os modelos explicativos totalizantes. Essa análise aproxima-se das reflexões de Jean-François Lyotard (2009) sobre a condição pós-moderna e o declínio dos grandes sistemas de legitimação do conhecimento. É prudente ressaltar que a reflexão de Teresinha Queiroz aproxima-se das formulações de Jean-François Lyotard ao reconhecer que a sociedade contemporânea é marcada pela pluralização das identidades, pela diversidade das experiências e pela insuficiência de modelos explicativos universalizantes. Assim como Lyotard identifica, na pós-modernidade, o declínio dos metarrelatos como fundamento exclusivo da produção do conhecimento, Queiroz evidencia que categorias como identidade, gênero e família não podem mais ser compreendidas a partir de referências homogêneas e estáveis, mas devem ser analisadas como construções históricas, múltiplas e continuamente resignificadas e reelaboradas. Desse modo, sua interpretação contribui para uma historiografia atenta à diversidade das experiências sociais e à historicidade das identidades, em consonância com importantes debates contemporâneos sobre cultura, representação e diferença. Ou seja, a convergência entre ambos ocorre em um plano epistemológico geral.

Tempos históricos: família, gênero, juventude e sociedade

Outro tema relevante abordado na entrevista concedida a Elizangela Barbosa refere-se às mudanças nas estruturas familiares, nas relações de gênero e nos usos do corpo. Teresinha

Queiroz observa o crescimento das taxas de envelhecimento populacional, a diminuição da natalidade e as transformações nas expectativas sociais relacionadas ao casamento e à maternidade. Em sua interpretação, tais fenômenos expressam mudanças profundas nas formas de organização da vida contemporânea. No comparativo entre as décadas anteriores, especialmente as de 1960 e 1970, Teresinha Queiroz diz:

Hoje, imagino que as questões sejam outras, pois ocorreram significativas transformações nos costumes ligados à religiosidade e aos valores defendidos pela família tradicional. Além disso, as relações do jovem com seus corpos passaram a ter maior sintonia com a difusão dos controles sobre a possibilidade de engravidar, muito embora a gravidez precoce hoje seja um fato e o aborto um dos dados mais dramáticos da experiência juvenil. As estatísticas em relação à incidência de gravidez não só em meninas pobres, mas em meninas de classe média são alarmantes. Percentual elevadíssimo de mulheres de classe média, e bastante jovens, já fizeram aborto e a família ignora na maior parte das vezes, pois as práticas abortivas também evoluíram muito e é fácil interromper uma gravidez, sobretudo, quando há disponibilidade de recursos para pagar o procedimento, o que ocorre com boa parte das jovens de classe média. Com isso, entramos nas temáticas do silenciamento e nos tabus do dizer contemporâneo (QUEIROZ, 2020: 378).

Sua análise evidencia como as experiências individuais estão articuladas a processos históricos globais, demonstrando a capacidade da autora de relacionar fenômenos locais e internacionais dentro de uma mesma interpretação histórica.

Outro aspecto relevante de seu pensamento refere-se à valorização dos sujeitos comuns ou das práticas tidas como comuns dos sujeitos. Ou seja, mesmo que as suas análises não sejam diretamente sobre pessoas de camadas mais populares, a sua preocupação sempre esteve alicerçada em perceber que nas ações de homens e mulheres pertencentes a grupos sociais mais favorecidos também é possível notar o comum: as sensibilidades, os anseios, os desejos, medos. E sua reflexão sobre os sujeitos não se restringe a segmentos sociais. Pelo contrário, Teresinha Queiroz tem a lucidez de entender os pontos de convergência e de divergência de diferentes grupos e em diferentes temporalidades. Sobre a juventude, por exemplo, a historiadora destaca:

Ao tratar das décadas de 1960 e 1970, estamos falando, sobretudo, das transformações acontecidas na classe média urbana das grandes cidades e de mulheres que estão nas universidades, nos empregos, que têm acesso à informação, às viagens, ao consumo. A sexualização crescente da juventude hoje é generalizada. Da mesma forma que a jovem da periferia, as jovens das classes médias e das classes altas têm vidas sexuais relativamente livres e sem constrangimentos. Nas décadas de 1960 e 1970, o carro era o motel. Na década de 1980, os motéis foram instalados em maior quantidade e, na década de 1990 e nos anos 2000, o sexo juvenil passou a acontecer preferencialmente em casa. O sexo seguro passa a ser definido, ao mesmo tempo, como sexo praticado com o uso da camisinha, e como uma prática aceita no âmbito doméstico. Os namorados levam as meninas para suas casas ou para as casas de seus pais. Com a ressalva de que há mais liberdade de o homem levar as mulheres, porque os pais não se incomodam que os filhos levem as namoradas para casa, e menos liberdade para uma jovem solteira levar o rapaz para casa, o que mostra que ainda há semelhança com o passado, do ponto de vista do conservadorismo das famílias (QUEIROZ, 2020: 384).

A historiografia tradicional, sobretudo aquela influenciada pelo positivismo e pela história política clássica do século XIX, privilegiou durante muito tempo os grandes acontecimentos, as ações dos estadistas, os conflitos militares e as instituições do Estado como principais objetos de investigação. Nessa perspectiva, a história era frequentemente narrada a partir das elites políticas e dos acontecimentos considerados decisivos para a construção das nações, relegando a segundo plano as experiências vividas pelos indivíduos comuns e os processos sociais do cotidiano.

Em contraste com essa tradição, Teresinha Queiroz volta seu olhar para as práticas sociais, os comportamentos, as relações familiares, as representações culturais, a educação, a imprensa e as experiências cotidianas dos sujeitos históricos. Em suas pesquisas, homens e mulheres comuns deixam de figurar apenas como espectadores dos acontecimentos para serem compreendidos como agentes que produzem, negociam e transformam a realidade social. Essa mudança de perspectiva não significa abandonar a análise das relações de poder; ao contrário, permite compreendê-las em sua dimensão mais concreta, isto é, na maneira como se manifestam nas relações de gênero, nas normas morais, nas práticas educativas, nos costumes e nas formas de sociabilidade.

Essa abordagem aproxima-se das reflexões de Michel de Certeau, especialmente desenvolvidas em *A invenção do cotidiano* (2014). Para Certeau, o cotidiano não constitui um espaço de simples reprodução das normas impostas pelas instituições, mas um campo de invenção permanente, no qual os indivíduos desenvolvem estratégias e táticas para apropriar-se das regras sociais, reinterpretá-las ou mesmo resistir a elas. Questionada sobre quem vai contar a história, Queiroz afirma:

Ela é contada na relação entre vencedores e vencidos. Cada vez mais, os personagens tidos antes como de baixo, estão formatando os discursos. Michel de Certeau coloca como centro da prática social aquelas pessoas que chamavam os comuns. Os pesquisadores dele iam morar na casa da dona de casa, do pedreiro, e anotavam as rotinas, falas, sentimentos. E ele fez uma revolução nas ciências sociais a partir disso, dando uma dimensão àquilo que não era objeto de interesse. A partir dessas observações combateu a tese da cultura de massa, de que todos eram passivos frente à cultura, aos costumes, ao poder. Thompson dizia que não há passividade nos camponeses, nos operários, que eles têm suas instâncias de poder, seus espaços de formação de interesses. Os operários na Inglaterra, no auge da Revolução industrial, vão criando suas formas de burlar a opressão. Eles atrasavam, paravam os relógios. Isso é uma forma de insurgência contra o poder (QUEIROZ, 2012).

Diante dessa resposta, é possível notar, de forma mais evidente, o conhecimento que a historiadora possui do pensamento de Michel de Certeau. Ao investigar as práticas culturais, os modos de vida e as formas pelas quais homens e mulheres constroem suas experiências sociais, Teresinha Queiroz evidencia justamente esse caráter ativo dos sujeitos históricos, demonstrando que a vida cotidiana também é um espaço privilegiado de produção da história.

Da mesma forma, sua produção dialoga com Edward P. Thompson, sobretudo com a perspectiva apresentada em *A formação da classe operária inglesa* (1987). Thompson rompeu com interpretações estruturais que concebiam os indivíduos apenas como reflexo das condições econômicas, defendendo que a experiência vivida constitui elemento central para a

compreensão dos processos históricos. Para o historiador britânico, as classes, as identidades e as culturas são construídas historicamente por meio das experiências compartilhadas e das práticas sociais dos sujeitos. Em sintonia com essa concepção, Teresinha Queiroz analisa as transformações da sociedade piauiense a partir das experiências concretas de seus diferentes grupos sociais, valorizando suas formas de sociabilidade, suas memórias, suas práticas culturais e suas representações, sem reduzir esses processos às estruturas econômicas ou às decisões das elites políticas.

Desse modo, a historiografia produzida por Teresinha Queiroz insere-se no movimento de renovação da História Cultural e da História Social ocorrido nas últimas décadas do século XX. Sua obra desloca o foco dos grandes eventos para a historicidade das experiências ordinárias, demonstrando que o cotidiano constitui um espaço privilegiado para compreender a construção das relações de poder, das identidades, das culturas e das formas de organização da vida social.

Os indivíduos deixam de ser compreendidos como simples receptores passivos das estruturas de dominação e passam a ser vistos como agentes capazes de criar estratégias, resistir e atribuir significados às suas experiências. Tal enfoque contribui para democratizar a escrita da História, incorporando vozes anteriormente invisibilizadas.

Uma das contribuições mais originais de Teresinha Queiroz encontra-se em suas reflexões sobre o tempo histórico. Ao analisar as transformações da juventude contemporânea, a historiadora observa que os grandes projetos coletivos de futuro perderam parte de sua força mobilizadora. As utopias políticas, religiosas e revolucionárias que orientaram gerações anteriores encontram-se enfraquecidas diante das incertezas do mundo contemporâneo. No entanto, a historiadora enfatiza que

Em séculos de tradição cristã, o corpo feminino pertencia à família e, sobretudo, a Deus, e estava guardado para um possível futuro marido, além de ser depositário da honra familiar. Mesmo em décadas recentes, as mulheres, em sua maioria, mantinham-se virgens até o casamento. Quando ocorria excessos na intimidade com outros homens e o casamento acontecia, as mulheres negavam aquelas práticas passadas e a honra ameaçada era reposta. Apesar de todas essas transformações no campo das relações de gênero e no das sociabilidades familiares ainda hoje as mulheres tendem a minimizar o seu passado sexual diante dos seus parceiros, em outros termos, muitas mulheres ainda estão dispostas a cumprir antigos papéis e representá-los para os novos “príncipes encantados”.

Os homens, ao contrário, exponenciam suas práticas sexuais para se mostrarem mais machos, mais vigorosos, mais viris, aumentar suas cotações no universo masculino e feminino, e auferir dividendos sociais e sexuais. Assim, os modos de expressar a sexualidade e de construir representações acerca dela são bastante distintos entre homens e mulheres e isso, embora de forma nuançada, preserva-se da década de 1960 até agora (QUEIROZ, 2020: 379).

Essa interpretação, em larga medida, dialoga com François Hartog (2014) e sua noção de presentismo e regimes de historicidade. É mister dizer que a análise de Teresinha Queiroz dialoga especialmente com *Regimes de Historicidade*, de François Hartog, ao evidenciar que o presente é atravessado por permanências herdadas de diferentes passados. Embora a autora descreva profundas transformações nas relações de gênero desde a década de 1960, demonstra

que antigas representações acerca da honra feminina e da virilidade masculina continuam produzindo efeitos na contemporaneidade. Sob essa perspectiva, o presente não constitui uma ruptura absoluta com o passado, mas um espaço de sobreposição de temporalidades, no qual normas culturais de longa duração coexistem com novas formas de sociabilidade. Essa interpretação converge com Hartog ao reconhecer que o presente é construído pela constante reconfiguração das experiências temporais, ainda que o foco de Queiroz recaia mais sobre as permanências culturais do que sobre o conceito de presentismo em sentido estrito. O presente torna-se a principal referência temporal da experiência social, reduzindo a capacidade de projetar horizontes coletivos de longo prazo. A consequência é uma sociedade marcada pela aceleração do tempo, pela valorização do imediato e pela dificuldade de construir projetos duradouros.

As mudanças e/ou permanências nas estruturas familiares constituem outro tema presente nas reflexões de Teresinha Queiroz. A autora observa o crescimento da expectativa de vida, a redução da natalidade e a transformação dos papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres. Para ela, “Ainda na década de 1950, acentuando-se nas seguintes, a entrada das mulheres no mercado de trabalho conferiu-lhes certa independência, não só em relação aos parceiros, mas sobretudo em relação à família” (QUEIROZ, 2020: p. 377-378). Essas mudanças refletem processos históricos mais amplos relacionados à urbanização, à expansão da educação, à inserção feminina no mercado de trabalho e à redefinição das relações afetivas, da sexualidade e da própria juventude. Conforme Teresinha Queiroz,

Até os anos 1970, as moças de família, para saírem de carro com os rapazes, quase sempre o faziam com companhias impostas pelos pais e pelas mães, porque o carro era um grande auxiliar no jogo da sedução. O carro era um lugar de prática sexual frequente entre os jovens, mesmo que essas práticas não significassem intercuro. O carro era lugar de um possível namoro “quente” e os jovens já estavam “efervescidos”. A música da época registra bem esses sentimentos e essas sensações (QUEIROZ, 2020: 378).

Ao discutir essas transformações, a historiadora demonstra a capacidade de conectar experiências individuais a processos estruturais de longa duração. As suas análises demonstram que as concepções sobre família, corpo, gênero e sexualidade variam no tempo e no espaço, visto que “Os discursos podem variar a depender das relações no grupo, na família, na Igreja, com o namorado, com o marido” (QUEIROZ, 2020: 379). Olhando para a década de 1970, a historiadora assevera que

[...] há distâncias abissais entre o passado e o presente. Quando tratamos das décadas de 1960 e 1970, estamos ainda no marco da heterossexualidade, sob padrões familiares e religiosos conservadores e tendo como horizonte um casamento legal e pretensamente monogâmico. É um mundo normatizado, regulado e controlado de fora, pela sociedade como um todo. O indivíduo é definido e marcado pelo grupo de pertença. [...] Os tempos atuais são de relacionamentos *queer*, trans, *sugar dating*, poliamor e muitos outros modelos. Trata-se da falência do próprio conceito de gênero conforme foi formulado nos anos 1970 (QUEIROZ, 2020: 380).

A reflexão de Teresinha Queiroz evidencia uma preocupação fulcral da historiografia contemporânea: a necessidade de compreender as transformações das experiências sociais sem incorrer em anacronismos. Ao afirmar que existem “distâncias abissais entre o passado e o presente”, a historiadora chama atenção para a historicidade das categorias sociais, demonstrando que valores, identidades e formas de organização das relações afetivas e familiares são construções históricas, sujeitas a mudanças ao longo do tempo, impulsionadas por disputas e relações de poder.

Ao situar as décadas de 1960 e 1970 sob o predomínio da heterossexualidade normativa, do conservadorismo religioso e do casamento legal e monogâmico como ideal social, Queiroz descreve um contexto em que as normas de gênero e sexualidade eram fortemente reguladas pelas instituições sociais, especialmente pela família, pela Igreja e pelo Estado. Nessa perspectiva, o indivíduo era compreendido prioritariamente como integrante de uma coletividade, cuja identidade era moldada por expectativas sociais rígidas e mecanismos de controle moral.

A contraposição estabelecida entre aquele contexto histórico e a contemporaneidade evidencia a profunda reconfiguração das relações sociais nas últimas décadas. A ampliação da visibilidade de identidades LGBTQIAPN+, das experiências trans, do poliamor, do *sugar dating* e de outras formas de relacionamento representa, segundo a autora, uma pluralização dos modos de viver a sexualidade e os vínculos afetivos. Tal leitura dialoga com importantes debates da História Cultural e da História do Tempo Presente, que compreendem gênero e sexualidade como categorias historicamente construídas e constantemente ressignificadas.

Entretanto, a afirmação de que vivemos “a falência do próprio conceito de gênero conforme foi formulado nos anos 1970” deve ser interpretada mais como uma provocação intelectual do que como uma conclusão consensual. A historiografia e os estudos de gênero contemporâneos, especialmente aqueles influenciados pelas contribuições da teoria queer, não apontam para o desaparecimento da categoria gênero, mas para sua revisão crítica. Desde os trabalhos pioneiros de estudiosas como Joan Scott (1995), Judith Butler (2003) e outras autoras, gênero deixou de ser entendido como uma categoria fixa e binária para ser concebido como uma construção histórica, relacional e performativa, aberta a múltiplas identidades e experiências.

Do ponto de vista historiográfico, a fala de Teresinha Queiroz reforça a importância de compreender que conceitos como família, casamento, sexualidade e identidade não possuem significados universais ou permanentes. Ao contrário, são produtos de contextos históricos específicos e refletem disputas culturais, políticas e sociais. Sua análise contribui para demonstrar que a escrita da história exige sensibilidade para reconhecer as mudanças nas formas de organização da vida social, evitando projetar valores contemporâneos sobre sociedades passadas. Sobre o mundo contemporâneo, a historiadora diz:

Eu não tenho saudades dos dualismos. Acho muito interessante o mundo contemporâneo. Agora isso tem implicações grandes sobre o pensamento. Por exemplo: como explicar os acontecimentos se não baseando-se na tensão dual? No começo dos anos 80, 90, essa questão foi muito debatida e criou ansiedade. Hoje já não percebo isso. Eu não sou muito apocalíptica com nada, sou satisfeita com o mundo como ele é. Claro, insatisfeita com muitas coisas, mas não sou pessimista (QUEIROZ, 2012).

Assim, a reflexão da historiadora insere-se nos debates da historiografia contemporânea ao destacar a historicidade das normas sociais e das identidades, reafirmando que a compreensão do passado depende da contextualização de seus próprios sistemas de valores. Sua interpretação também evidencia como as transformações ocorridas desde a segunda metade do século XX desafiam categorias analíticas tradicionais, estimulando a constante renovação dos referenciais teóricos utilizados pelos historiadores para interpretar as mudanças sociais e culturais.

Suas análises e ponderações sobre o mundo contemporâneo, em meio a mudanças e permanências, podem ser assim sintetizadas: “Portanto, coloco parte dessas interpretações acerca do tempo presente com certo cuidado e em termos hipotéticos. Simpatizo menos com as certezas e as dimensões fechadas e afirmativas e mais com os universos dos possíveis” (QUEIROZ, 2020: 388). Em decorrência disso, a fala de Teresinha Queiroz revela uma postura historiográfica marcada pela cautela interpretativa e pela abertura ao caráter provisório do conhecimento histórico. Ao afirmar que trata o tempo presente “com certo cuidado e em termos hipotéticos”, a historiadora explicita uma compreensão da História como campo em permanente construção, no qual as interpretações não se encerram em verdades definitivas.

Sua preferência pelos “universos dos possíveis” em detrimento das “certezas e dimensões fechadas” indica uma recusa de leituras deterministas ou excessivamente conclusivas do passado. Trata-se de uma perspectiva que valoriza a complexidade dos processos históricos e reconhece a multiplicidade de caminhos interpretativos, especialmente quando se analisa o tempo presente, ainda em disputa e aberto a novas ressignificações.

Nesse sentido, a fala da historiadora dialoga com uma concepção de História que privilegia a problematização em vez da afirmação categórica, reforçando o papel do historiador como alguém que interpreta evidências dentro de limites epistemológicos, e não como detentor de verdades absolutas sobre o passado.

Considerações finais

Diante de tudo o que foi exposto, é apropriado falar em um legado intelectual, em plena construção e consolidação, de Teresinha Queiroz. Como bem destacou o historiador Edwar de Alencar Castelo Branco, sua trajetória revela “a história de uma menina que saiu do interior do Piauí para misturar-se, multiplicar-se, tornar-se a mais plural referência da moderna historiografia piauiense” (CASTELO BRANCO, 2006: 15). A contribuição de Teresinha Queiroz para a historiografia brasileira ultrapassa os limites de sua produção escrita. Sua atuação como professora e orientadora possibilitou a formação de gerações de pesquisadores que continuam desenvolvendo estudos sobre cultura, memória, educação, gênero e história regional.

Além disso, sua produção intelectual contribuiu para inserir a historiografia piauiense em debates nacionais e internacionais ao demonstrar que a história regional constitui um espaço privilegiado para a compreensão de questões mais amplas da sociedade brasileira. Em vez de restringir suas pesquisas a uma narrativa localista ou descritiva, Teresinha Queiroz analisou temas como identidade, memória, cultura, relações de gênero, educação, imprensa, cidade e sociabilidades a partir de referenciais teóricos que dialogam com a renovação da historiografia contemporânea. Suas investigações articulam a realidade piauiense a problemáticas discutidas pelos estudos de gênero e pelos debates sobre memória e representações, evidenciando que

os processos históricos vivenciados no Piauí integram dinâmicas mais amplas da história nacional. Dessa forma, sua obra rompe com a antiga oposição entre história regional e história geral, demonstrando que o estudo das especificidades locais também produz interpretações relevantes para a compreensão da sociedade brasileira e das transformações ocorridas no mundo contemporâneo. Ao conferir densidade analítica à história do Piauí e inseri-la em discussões teóricas compartilhadas pela historiografia internacional, Teresinha Queiroz contribuiu para ampliar a visibilidade da produção histórica piauiense e consolidar sua presença no cenário acadêmico brasileiro. Seu legado reside tanto na qualidade de suas pesquisas quanto na capacidade de estimular novas formas de pensar a História.

Por esse diapasão, a análise das entrevistas e da trajetória intelectual de Teresinha Queiroz permite reconhecer a amplitude de suas contribuições para a historiografia contemporânea. Suas reflexões articulam temas fundamentais da teoria histórica atual, como identidades, cultura, poder, memória, temporalidade e produção do conhecimento. Ao questionar essencialismos, problematizar verdades absolutas e enfatizar a historicidade das experiências humanas, a autora contribui para uma compreensão mais plural e crítica da sociedade.

Sua obra demonstra que a historiografia regional pode dialogar com os principais debates internacionais sem perder de vista as especificidades locais. Nesse sentido, Teresinha Queiroz ocupa posição de destaque entre os intelectuais responsáveis pela renovação dos estudos históricos no Nordeste brasileiro e pela consolidação de uma historiografia comprometida com a complexidade da experiência humana.

A relevância de Teresinha Queiroz para a historiografia piauiense e brasileira não se restringe à produção de pesquisas acadêmicas. Sua atuação institucional foi, e ainda é, decisiva para a consolidação dos estudos históricos no Piauí e para a formação de pesquisadores em diferentes áreas das ciências humanas. Seu trabalho contribuiu, e continua contribuindo, para romper com modelos tradicionais de escrita da história, incorporando debates sobre cultura, representações, identidades, gênero, memória e cotidiano. Ao articular reflexões sobre o passado regional com questões centrais da teoria social contemporânea, a autora produziu uma historiografia capaz de conectar experiências locais às grandes transformações do mundo moderno.

O legado historiográfico e intelectual de Teresinha Queiroz ocupa lugar de destaque na produção histórica sobre o Piauí e o Nordeste brasileiro. Sua obra caracteriza-se pelo rigor metodológico, pela valorização das fontes documentais e pela preocupação em compreender os processos históricos a partir das dinâmicas sociais, políticas, culturais e educacionais da região. Ao longo de sua trajetória, contribuiu decisivamente para a consolidação da pesquisa histórica no Piauí, formando gerações de pesquisadores e ampliando o campo de estudos sobre memória, identidade, cidade, imprensa, educação e cultura.

Como professora, pesquisadora e intelectual pública, Teresinha Queiroz ultrapassou os limites da produção acadêmica, tornando-se referência na defesa da preservação da memória histórica e do patrimônio cultural piauiense. Seu trabalho demonstra que a história regional constitui dimensão essencial para a compreensão da história nacional, evidenciando a pluralidade das experiências históricas brasileiras. Dessa forma, seu legado permanece vivo tanto na expressiva produção bibliográfica quanto na influência exercida sobre novas gerações de historiadores – dos quais o autor do presente artigo orgulha-se em fazer parte, consolidando-a como uma das mais importantes referências da historiografia piauiense contemporânea.

A análise conjunta das duas entrevistas de Teresinha Queiroz permite compreender a amplitude de seu pensamento historiográfico. Suas reflexões ultrapassam os limites da história regional e oferecem interpretações consistentes sobre as transformações culturais, políticas e epistemológicas da contemporaneidade.

Ao problematizar identidades, questionar dualismos, discutir a pluralização das verdades e analisar as novas experiências do tempo histórico, Teresinha Queiroz insere-se entre os intelectuais que contribuíram para renovar profundamente a historiografia brasileira. Seu legado permanece fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais do Nordeste e para o fortalecimento de uma historiografia crítica, plural e aberta aos desafios do presente, sem perder a lucidez da existência das (in)certezas.

Referências

ABRÃO, Calil Felipe Zacarias; LIRA, Clarice Helena Santiago; FONTINELES FILHO, Pedro Pio. Escritas de Clio: a historiografia piauiense sob a ótica dos prefácios de Teresinha Queiroz. *Cadernos de Teresina*. Ano XXXI, N. 42, julho de 2017, p. 90-97.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Entrevista com Teresinha Queiroz. *Outros Tempos*, v. 17, n. 29, 2020. Disponível em: https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/778 . Acesso em: 16 de maio 2026.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Do Singular ao Plural: a magia de ser, sendo. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Do Singular ao Plural*. Recife: Edições Bagaço, 2006, p. 13-15.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

OLIVEIRA, Aristides. Teresinha Queiroz: um breve perfil historiográfico. *Acrobata*. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/aristides-oliveira/artigo/teresinha-queiroz-um-breve-perfil-historiografico/> . Acesso em: 13 maio 2026.

QUEIROZ, Teresinha. “Afiml: quem somos nós?”. Entrevista concedida à Revista Revestrés.

Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/entrevista/afinal-quem-somos-nos/> . Acesso em: 15 maio de 2026.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em: 18 maio 2026.

THOMPSON, E. Paul. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.